
O ICQ em contextos de avaliação neurolingüística

Fernanda Maria Pereira Freire

Núcleo de Informática Aplicada à Educação / Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Cidade Universitária "Zeferino Vaz" -Bloco V da Reitoria - 2º Piso - 13083-970
Campinas - SP - Brasil– Brazil

ffreire@unicamp.br

Abstract. *This study presents the partial results from the use of ICQ communication tool, based on a discursive perspective, with an adult person suffering from Syndrome Frontal, symptoms of learning difficulty and "dyslexia". We argue the overlapping of topics in the interaction and the possible influence of the interface of the tool.*

Resumo. *A partir dos resultados parciais do uso do sistema de comunicação instantânea ICQ - baseado em uma perspectiva discursiva - com um sujeito adulto com Síndrome Frontal, sintomas de dificuldade de aprendizagem e "dislexia", o presente estudo discute a sobreposição de temas na interação e a possível influência da interface do programa.*

1. Introdução

Nesse estudo discutimos os resultados parciais de uma avaliação neurolingüística com um sujeito com dificuldades lingüístico-cognitivas utilizando o comunicador instantâneo ICQ como uma *prática discursiva* [Maingueneau, 1987/89]. Isto significa que a avaliação é "*uma práxis entre sujeitos*" que participam de "*atividades significativas exercidas por quem faz parte de uma comunidade lingüística/discursiva e compartilha língua e cultura*" [Coudry, 2000].

A avaliação neurolingüística - discursivamente orientada - segue princípios teórico-metodológicos desenvolvidos desde 1983 na área de Neurolingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp [Coudry, 1986/88]. Parte de uma concepção de linguagem como atividade significativa nos níveis cognitivo, intersubjetivo e social, contribuindo, assim, para que o sujeito possa colocar sua linguagem *em funcionamento* deixando-se *ver* o que *falta e excede* do ponto de vista lingüístico-cognitivo, bem como o modo como lida (ou não) com suas dificuldades [Coudry, 1995]. Ocupa-se, portanto, dos processos interacionais da linguagem (ou *dialogismo* na terminologia bakhtianiana), das relações entre os processos cognitivos e a linguagem (em que esta tem um papel regulador e organizador em relação aos primeiros) e das condições de produção do discurso (dada a indeterminação da linguagem).

A metodologia de avaliação (e de acompanhamento longitudinal individualizado e/ou em grupo) no contexto das dificuldades lingüístico-cognitivas, confere especial importância à *dialogia* [Bakhtin, 1929/99], como espaço de produção de sentidos envolvendo o discurso verbal e não verbal, o uso cognitivo e social da linguagem. A

metodologia heurística de avaliação e acompanhamento dos sujeitos lida com processos de significação e não com comportamentos verbais [Coudry, 1996].

Essa abordagem manifesta-se num conjunto de versões protocolares usados na avaliação e seguimento de casos que privilegia as ações que os sujeitos fazem *com e sobre* a língua [Geraldi, 1991/93] - por meio de diferentes práticas discursivas - integrando material lingüístico diverso, afirmando a influência da cultura na língua. São piadas, chistes, provérbios, fábulas, diálogos, narrativas, comentários, instruções, trocadilhos, definições, relatos de fatos e de histórias de vida *etc.*. Mais recentemente passamos a utilizar também a linguagem de programação Logo [Freire, 1999; Freire e Coudry, 2001], o correio eletrônico [Freire, 2002a] e o comunicador instantâneo ICQ [Freire, 2002b]. O interesse em se usar as Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) nesse contexto está (também) no fato de *inaugurarem novas condições de produção de discurso* [Freire, 2003], consistindo em um importante lócus para o *funcionamento discursivo da linguagem*.

Como já foi dito, esse texto discute os resultados parciais da avaliação neurolingüística de um sujeito (AL) com Síndrome Frontal (SF) que apresenta queixas de dificuldade de aprendizagem e da chamada dislexia. Os *dados-achados* [Coudry, 1996] a serem analisados referem-se a uma situação dialógica particular que faz uso do Comunicador Instantâneo ICQ. Chama a atenção a sobreposição de *temas* [Bakhtin, 1929/99] ou *tópicos* [Maingueneau, 1996/98] que se observa na interlocução e que pode, em certa medida, sofrer influências da interface do programa. Antes, porém, são apresentadas as razões teórico-metodológicas que orientaram a inclusão do ICQ como protocolo de avaliação nesse caso, bem como as informações referentes ao quadro lingüístico-cognitivo do sujeito.

2. O icq como versão protocolar de avaliação

A avaliação neurolingüística que empreendemos utiliza, entre outros expedientes, o sistema de mensagens à distância conhecido pelo nome de ICQ com vistas a observar como o sujeito faz uso da linguagem escrita (leitura e escrita) em situações de interlocução. Essa escolha se pauta nas dificuldades referidas pelo sujeito - de leitura e escrita, de aprendizagem em geral - e também em outros estudos que mostram que a *comunicação mediada por computadores* (CMC) inaugura novas *condições de produção de discurso* permitindo entrever a *linguagem em exercício* [Freire, 2002c; Rocha et. al., 2000].

Para Bakhtin (1952-53/1997) o *diálogo* é a forma mais simples de comunicação verbal, dando visualidade à alternância dos sujeitos na conversação ou, em outras palavras, às mudanças de posição enunciativa que se dão entre *eu-tu* e que marcam as fronteiras entre os enunciados. O conceito bakhtiniano de *dialogia* pode (e deve) ser compreendido de forma estendida: todo enunciado é dialógico à medida que constitui uma resposta a um outro enunciado, mesmo em contextos em que a interlocução não se dá face a face: uma atividade de leitura, de escrita ou de CMC. Daí a relevância (também) da inclusão do ICQ como versão protocolar de avaliação: interessa o jogo da linguagem que se estabelece entre os interlocutores – mediado pelo ICQ - e a adoção dinâmica de diferentes lugares enunciativos no decorrer da interlocução (de locutor a interlocutor e vice-versa).

O ICQ é um comunicador instantâneo (síncrono, portanto), gratuito (<http://www.icq.com>), muito difundido entre os usuários da Internet. As interações são aos pares, isto é, entre duas pessoas, diferentemente do que ocorre nas sessões de bate-papo que podem agregar vários interlocutores ao mesmo tempo.

A função usual do sistema é a identificação e interação com pessoas que estão *online* e que fazem parte de uma lista de pessoas previamente cadastradas na cópia do programa que pertence ao usuário [Oeiras e Rocha, 2002] (Figura 1). Geralmente, o sistema permanece ligado e minimizado, possibilitando ao usuário ocupar-se de outras tarefas ao mesmo tempo que permanece disponível para uma eventual conversação.

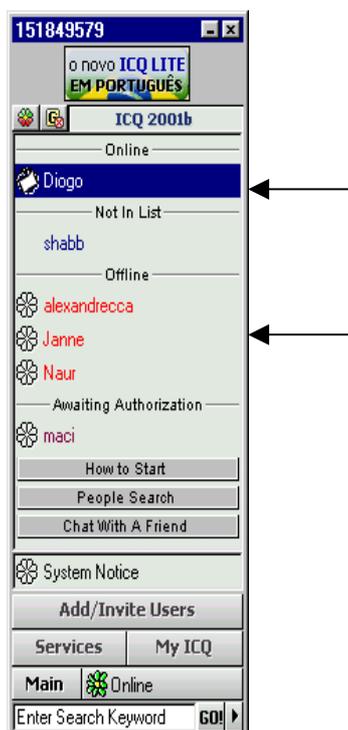


Figura 1: Visualização da interface do ICQ mostrando a lista de pessoas cadastradas.

A interação entre os interlocutores, portanto, se dá quase instantaneamente e é mediada pela linguagem escrita. Para dar início a uma conversação basta clicar sobre o nome da pessoa com quem se deseja conversar para abrir uma *sessão de mensagem* e passar a utilizar as caixas de diálogo (de *envio* e de *visualização*) adequadamente. A Figura 2 mostra na caixa superior um conjunto de mensagens trocadas por duas pessoas. Nesse espaço o interlocutor lê a mensagem recebida e pode acompanhar o fluxo da conversação. A caixa inferior é um lugar reservado para o usuário escrever seu enunciado. Assim, as caixas de *envio* e de *visualização* referem-se, respectivamente, às atividades de escrita e de leitura. Após a digitação de um enunciado o usuário precisa clicar sobre o botão *Send*. Sempre que uma mensagem é enviada o interlocutor é avisado ou por um *som* ou por um sinal *pisca-pisca* na tela (dependendo da forma como foi configurado o programa). De acordo com as preferências do usuário, pode-se também definir cores para os enunciados e identificação dos interlocutores (Figura 2), selecionar o tipo de letra, incluir *emoticons* no texto, usar corretor ortográfico (e outros recurso menos importantes para o presente estudo).

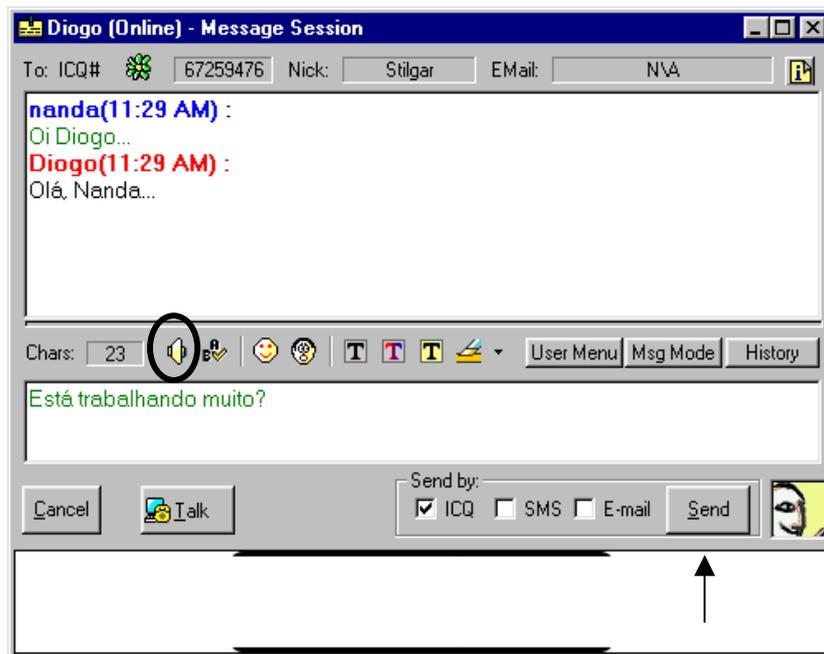


Figura 2: Caixa de visualização (superior) e de envio (inferior) de mensagens. O círculo destaca a ativação do som de aviso de recebimento de mensagem. A seta mostra o botão *Send*.

Outro aspecto relevante relacionado ao uso do ICQ nesse contexto é a possibilidade de se armazenar toda a interação (Figura 3), possibilitando a criação de um banco de dados bastante útil para posterior análise. Todos os enunciados, de todas as sessões de comunicação, são armazenados cronologicamente, isto é, do mais recente para o menos recente e podem se recuperados por meio da opção *Ver Histórico das Mensagens*.

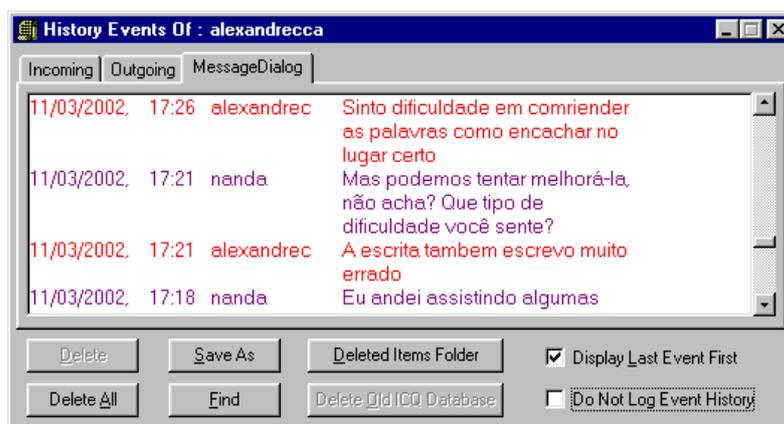


Figura 3: Visualização do histórico de mensagens de dois interlocutores.

3. Apresentação do caso

O sujeito AL é do sexo masculino, destro, tem 27 anos, educação formal de nível fundamental incompleta e pertence à classe média da cidade de Campinas (SP), onde nasceu. AL foi encaminhado ao Laboratório de Neurolingüística (IEL-Unicamp) pelo

Prof. Dr. Judson da C. Mauro do Ambulatório de Neuropatologia da Linguagem da Unicamp, em fevereiro de 2002, com queixa de *dificuldade de leitura e de aprendizado*.

O sujeito apresenta antecedentes de alcoolismo e da chamada *dislexia*, razão pela qual abandonou os estudos. Em setembro de 2000 sofreu um traumatismo crânio-encefálico (TCE) devido a um acidente automobilístico, ocasionando "*contusões hemorrágicas recentes em transição de substância branca/cinzenta dos lobos frontais e região parietal alta à direita*", caracterizando o que a literatura denomina de Síndrome Frontal (SF). Trata-se de um quadro clínico cuja característica central descrita pela bibliografia especializada é a *alteração do comportamento* do sujeito [Luria, 1981]. O estudo de Gandolfo (1996) com um caso de SF *leve* ressalta - em relação à linguagem - que mesmo na ausência de dificuldades articulatória, sintática ou semântica, o sujeito não consegue submeter-se às *regras da atividade lingüística* nem dela fazer um *uso social*.

A avaliação teve duração total de 09 sessões, de uma hora cada uma delas. Nesse período utilizamos como expedientes protocolares a linguagem de programação Logo com o objetivo de observar o modo como o sujeito aprende um conteúdo novo envolvendo linguagem, raciocínio, cálculo, conceitos espaciais e geométricos; o comunicador instantâneo ICQ e o processador de texto *Word* por constituírem contextos significativos para o uso da linguagem escrita, possibilitando a análise do processo de leitura e escrita do sujeito sob tais condições. Não há, portanto, nenhuma intenção de qualificar como 'melhor' ou 'pior' a produção escrita do sujeito usando-se ou não o computador. Não é esse o objetivo da avaliação empreendida, tampouco desse artigo: são contextos diferentes, com características particulares. A escolha do uso do computador se pautou, também, no fato de AL ter um grande interesse em aprender a lidar com o equipamento. No presente estudo vamos nos ater à sessão de introdução do comunicador instantâneo ICQ.

4. A situação dialógica em questão

O diálogo que se segue, objeto de nossa análise, aconteceu entre o sujeito AL e uma aluna (I_{JO}) do programa de doutorado do Instituto de Computação (IC) da Unicamp que, gentilmente, aceitou o convite para interagir via ICQ com o sujeito. Os interlocutores, portanto, não se conhecem. Há uma forte discrepância em termos de familiaridade com esse tipo de CMC: I_{JO} é uma usuária habitual do programa e AL é um novato na atividade.

Os objetivos dessa primeira conversa à distância – além de observar o funcionamento da linguagem escrita de AL - eram: (i) instrumentalizar o sujeito para usar com autonomia o ICQ; (ii) verificar se o sujeito era ou não capaz de aprender – dada a queixa de dificuldade de aprendizagem – o manuseio do próprio sistema. Assim, AL e a investigadora (I_{FF}) permaneceram no Laboratório de Neurolingüística (Labone), enquanto I_{JO} estava nas dependências do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED), ambos localizados no campus da Unicamp. O papel de I_{FF}, em princípio, era o de "ensinar" AL a utilizar o comunicador. A interação presencial entre AL e I_{FF} foi gravada em vídeo cassete, para posterior análise. Embora, no excerto do dado a ser apresentado (necessário, devido à extensão do artigo) não seja possível verificar, a interação entre AL e I_{JO} - à distância – passa, necessariamente, pela interação presencial entre AL e I_{FF}. Veja-se então a transcrição do dado.

**Tabela 1. 04/03/02 - 16:17h - 16:46h - primeira interação à distância via ICQ
(Versão do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) - Projeto Integrado
CNPq nº 521773/95-4).**

li- nha	hora	locu- tor	transcrição	condições de produção dos enunciados			enunciados escritos
				interface	verbais	não verbais	
1	16:25	IJO		Som do ICQ			AL, você trabalha ou estuda?
2	16:26	AL		Digita a resposta			So trabalho porinquanto
3	16:27	IJO		Som do ICQ			Que legal. Eu estudo. Você trabalha com quê?
4	16:28	AL		Digita a resposta			pretendo voutar esse ano
5		AL	Parece digitar algo.				
6						IFF sai da sala e AL fica só	
7		AL				Alterna gestos de levar a mão à boca, à cabeça, ao queixo. Os dedos, várias vezes hesitam sobre o teclado.	
8	16:29	IJO		Som do ICQ			eu gosto muito de estudar. Que bom saber que você também vai estudar este ano. Mas, me conta qual é o seu trabalho..
9		AL		Lê a mensa- gem Digita algo. Lê. Põe a mão no mouse.... desiste Digita. Clica o botão <i>Send</i>		Repete os gestos anteriores. Quase toca a língua com o dedo. Olha na direção da porta. Repete os gestos.	

10	16:31	AL		Digita a resposta		eu trabalho com factor
11	16:32	IJO		Som do ICQ		Não entendi. Qual é mesmo o seu trabalho?
12	16:35	IJO		Som do ICQ		Você já usou computador outras vezes?
13	16:36	AL		Digita a resposta		seria enprestimo pessoal e compra de ticket
14	16:36	IJO		Som do ICQ		poxa! então você é um homem negócios!! qual é o nome da sua empresa?
15	16:38	AL		Digita a resposta		Naõ essa e a primeira ves que estou num bate papo
16	16:40	IJO		Som do ICQ		Com este programa você poderá bater papo com muita gente.(...).
17	16:41	AL		Digita a resposta		naõ tenho nome apenas trabalho sozinho

Retomemos, por um momento, a interação entre AL e IJO. Na linha 1 IJO introduz um tema - *trabalhar ou estudar*. Em 3, dá continuidade a ele, de acordo com a resposta dada por AL em 2. Observe-se que o tempo de resposta de AL foi de um minuto. Em 4, AL *completa* seu enunciado. As linhas 5, 6 e 7 marcam um momento da interação em que AL parece procurar o quê dizer. Seus gestos parecem servir de *lastro* para a organização do seu *querer-dizer* [Freire, 2002b]. Nesse momento AL ocupa-se da caixa de *envio*, procura digitar alguma coisa. É interrompido pelo som do ICQ avisando o recebimento de uma nova mensagem. Na linha 8 IJO comenta o final do enunciado de AL e retoma a pergunta já feita em 3. Mais um minuto se passou. Finalmente, após dois minutos de hesitação, na linha 10, AL consegue responder. Possivelmente, devido ao modo como escreve a palavra em inglês *factory*, IJO na linha 11, repete a mesma pergunta. É provável que, pelo fato de a resposta de AL ultrapassar o tempo médio de um minuto, na linha 12, IJO muda de tópico – *pergunta se AL sabe usar o computador*. Nesse intervalo AL está digitando a resposta à pergunta da linha 11. IJO, então, volta ao tema anterior - *o trabalho de AL* - e faz uma nova pergunta, em 14, relacionada ao assunto. Vê-se, após dois minutos, na linha 15, AL respondendo ao tópico anterior - *uso do computador*. As linhas 16 e 17 mostram a *sobreposição de temas - e não de turnos* - na interação.

A análise de outras situações de CMC, especialmente em sessões de bate-papo, mostra um fenômeno similar. No entanto, isso quase sempre ocorre quando há um grande número de interlocutores. Não é o que aqui ocorre: a leitura da interação entre IJO e AL causa certa *estranheza*: AL parece estar sempre correndo atrás do que já foi dito por IJO; ela, por sua vez, comenta a resposta de AL e retoma a pergunta mais recente. Provavelmente a *sobreposição de temas* se dá em virtude de três aspectos inter-relacionados:

(i) *defasagem de tempo de escrita dos interlocutores*. Os interlocutores não se conhecem. IJO, embora informada a respeito das dificuldades de AL, desconhece o

funcionamento de um sujeito que tem o histórico que ele tem. O fato de AL ter antecedentes neurológicos - um TCE com lesão frontal- provoca uma *lentificação psicomotora* que se mostra de diferentes formas. Também concorre para sua lentidão o fato de ter uma relação incipiente com a leitura e a escrita e desconhecer o programa (e sua interface). AL não desenvolveu ainda uma *competência pragmática* [Maingueneau, 1996/98] como usuário de uma ferramenta de CMC: um conjunto de conhecimentos e convenções que orienta o sujeito sobre *o que pode ou não ser dito e o modo de dizer* sob tais circunstâncias [Rocha et al., 2001]. Podemos concluir, pela co-ocorrência de todos esses fatores, que *AL precisa de um tempo maior*.

(ii) *desvio da função original do ICQ*. Em geral o programa é usado paralelamente a outras atividades no computador. No caso específico da interação entre I_{JO} e AL, ambos estão voltados exclusivamente para a interação à distância. É provável, caso I_{JO} estivesse ocupada com outra tarefa, que AL tivesse maior tempo para escrever seus enunciados. A demora da mensagem, provavelmente, é inferida por I_{JO} como sinal de dificuldade do sujeito - *daí a mudança de tema* - ou de conexão. Esse uso diferenciado do ICQ contribui para que o diálogo ganhe ares de entrevista: *há quem faça perguntas e há quem responda a elas*.

(iii) *possíveis influências da interface do programa*. O esforço de AL para escrever é revelado pela sua gestualidade: procura palavras, teclas, modos de dizer. Várias vezes sua atividade é interrompida pelo som de uma nova mensagem. Sua atenção é desviada da *caixa de envio* - e de seu emaranhado de letras e enunciados não ditos - para a *caixa de visualização*: da escrita para a leitura. Na linha 5, por exemplo, parece que AL pretendia escrever alguma coisa mas é interrompido pela mensagem da linha 8. O mesmo ocorre quando está digitando seu enunciado da linha 13 e é surpreendido pela mensagem da linha 12. A interferência da leitura fica ainda mais clara na linha 15: passaram-se dois minutos entre a pergunta de I_{JO} sobre *o nome da empresa* do sujeito e a resposta de AL a respeito da sua *experiência com o computador*. AL lê *outra* pergunta quase ao mesmo tempo em que está respondendo à anterior. Talvez seja mais produtivo - em casos como os de AL - desativar a opção do som. Provavelmente AL só leria uma mensagem nova depois de ter, de fato, dito o que queria dizer: *uma forma de (res)guardar seu tempo de escrita*.

Uma análise minuciosa do dado revela outro indício importante. Veja-se, por um momento, as linhas de 1 à 4. Instantes antes de I_{JO} introduzir o tema *estudo/trabalho*, ela havia perguntado se a conexão havia caído, dada a demora da participação de AL. Desfeito o equívoco, I_{JO} introduz, então, o assunto. AL responde - *o mais rápido que pode* - e envia sua mensagem. I_{JO} supõe que ele disse tudo o que queria - dá *acabamento* [Bakhtin, 1952-53/97] ao enunciado de AL - e continua o diálogo, fazendo nova pergunta relacionada ao tema. A linha 14 mostra que AL *queria dizer mais...*

Todo enunciado, por mais simples que seja, possui um *acabamento* específico que revela a posição do locutor dando passagem à *posição responsiva* do interlocutor [Bakhtin, 1952-53/97]. As respostas mantêm entre si uma relação que, em seu conjunto, dão forma ao tema em desenvolvimento. Esta unidade só é possível entre enunciados de sujeitos diferentes: "*pressupõe o outro (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal*" (Bakhtin, op. cit.). O *acabamento* do enunciado, portanto, delimita as fronteiras entre um enunciado e outro, assinalando as mudanças de *posição*

enunciativa: alternância entre *eu-tu*. O acabamento, no entanto, não implica necessariamente mudança de tema.

Em situações dialógicas face a face quando, por alguma razão, o outro assume o turno, interrompendo seu interlocutor, pode-se falar mais alto, gesticular, falar ao mesmo tempo... Lança-se mão de *operações discursivas* [Geraldi, 1991/93] e/ou de estratégias do dizer que indicam que o enunciado ainda não acabou, está em suspenso. Mas como isso acontece na interação à distância? Veja-se, por um momento, a solução encontrada por um sujeito durante uma sessão de bate-papo por ocasião de um curso de formação de professores.

Tabela 2. 21/03/03 - Sessão de bate-papo do Curso de Especialização em Telemática na Educação (Versão do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) - Projeto Integrado CNPq nº 521773/95-4)

linha	Hora	locutor	interlocutor	enunciados escritos
1	14:15	AS	Todos	MM, que avaliação vc faz da nossa turma?
2	14:15	MM	Todos	EV, eu acho que todos estão essa semana envolvidos com a atividade 4 e por isso não houve ainda participação no forum que requer leitura do texto, vc acha que é isso mesmo?
3	14:16	LS	Todos	Bem eu estou tentando participar. Estou só onde moro, mas quero me integrar ao grupo através do chat e dos fóruns. Eu comunicava com a RC, mas estamos sem telefones nos Núcleos de Tecnologia e RC com problema de Internet
4	14:15	MM	Todos	AS, na nossa turma houve muitas pessoas com problemas de acesso inicial ao curso....
5	14:16	JS	MM	Além do mais há as atividades de outras salas
6	14:17	MM	Todos	o que fez com que as pessoas ficassem um pouco perdidas com tanta coisa para fazer em tao pouco tempo....
7	14:17	MM	Todos	AS,,, continuando...acho que agora as pessoas estão começando a participar mais efetivamente no modulo projetos
8	14:18	AS	Todos	Eu sei, inclusive tive problemas em outra oficina. Mas vc acredita que a metodologia usada integra realmente as pessoas da turma ou somente os grupos?

Para responder à pergunta de AS (linha 1) MM utiliza o sinal de reticências para indicar que ainda não respondeu tudo o que deseja (linha 4). MM continua seu enunciado iniciado em 4 e indica, mais uma vez pelo sinal de reticências, que ainda não terminou de falar. Na linha 7, MM convoca a atenção de AS (outras mensagens se interpõem a esse diálogo particular), usa a o recurso expressivo *continuando* para dar prosseguimento à argumentação iniciada anteriormente. Tais operações discursivas e estratégias do dizer - embora não sejam exclusivas da CMC - decorrem, nesse contexto "*da intersecção de inúmeros trabalhos individuais com e sobre a língua que uma determinada comunidade lingüística – os internautas – elaboram continuamente, com base em certas diretrizes que regulamentam a convivência social nos ambientes virtuais*" [Freire, 2003]. MM evita, assim, que seu interlocutor dê *acabamento* ao seu enunciado, mesmo passando a vez a outro interlocutor. Tais expedientes, no entanto, são elaborados continuamente por sujeitos que participam desse tipo de prática discursiva.

No caso da interação entre AL e I_{JO} a passagem da palavra - o *acabamento do enunciado* - é marcada pela ação de apertar o botão *Send*. AL envia o enunciado da linha 2, provavelmente, para delimitar um *tempo de resposta*. I_{JO} interpreta-o como um enunciado acabado, mas AL continua a dizer em 4. A situação dialógica que se segue é marcada pela alternância dos interlocutores que mantêm papéis discursivos *congelados*: I_{JO} assume o papel de *perguntador*; AL de *respondedor*.

A análise dessa interação particular – a primeira via ICQ - gerou um conjunto de outras práticas discursivas com o intuito de rastrear a ocorrência ou não desses mesmos fenômenos lingüístico-cognitivos em novas situações de uso da linguagem. Só para citar outro achado, vale observar outra sessão via ICQ, dessa vez entre AL e I_{FF}. AL introduz tópicos discursivos, dá prosseguimento ao diálogo, assume um papel mais ativo na interação, como pode ser visto a seguir:

Tabela 3. 27/03/02 - 16:05h - 17:03h - interação via ICQ (Versão do Banco de Dados em Neurolingüística (BDN) - Projeto Integrado CNPq nº 521773/95-4)

linha	Hora	interlocutor	enunciados escritos
1	16:27	I _{FF}	E ai, como passou o dia?
2	16:30	AL	Meu dia foi muito bom, trabalhei e no trabalho me diverti muito
3	16:30	I _{FF}	Divertiu se? O que aconteceu? Conte...
4	16:37	AL	Meu amigo esta apaixonado por uma mulher mandou um buke de flores .O engassado é que ele fala que nunca vai se apaixonar
5	16:38	I _{FF}	É, as pessoas dizem isso até acontecer o contrário, não é mesmo?
6	16:44	AL	É mesmo ,so que a mulher tem idade para ser mae dele ,nada contra mas para quen sempre tirava sarra de quem namorava esta bem até

5. Considerações Finais

Muito pode ser dito a respeito do que foi mostrado e analisado. São destacados, no entanto, pontos fundamentais da avaliação neurolingüística de AL. Antes, porém, parece oportuno enfatizar as decorrências desse estudo para a compreensão do *funcionamento da linguagem em situações dialógicas à distância*, bem como para o estudo da *interação humano-computador*.

Retome-se por um momento as queixas que compõem o caso de AL, aproveitando para apontar outros resultados que não foram diretamente discutidos na análise dos *dados-achados*, mas que são igualmente importantes. O sujeito mostrou que é capaz de aprender e... rápido. A dificuldade de aprendizagem apontada por ocasião de seu encaminhamento não parece ter fundamento com base nos resultados da avaliação. Sua escrita apresenta marcas possivelmente decorrentes de um processo de escolarização pautado em atividades descontextualizadas e sem sentido para o aprendiz, o *nonsense escolar* [Coudry e Mayrink-Sabinson, 2001]. O fracasso escolar colabora para uma prática de leitura incipiente que, sem dúvida, reforça uma relação pouco significativa com a escrita. A gestualidade parece assumir um importante papel na organização do *querer-dizer* do sujeito [Freire, 2002].

Finalmente, é oportuno ressaltar o uso do ICQ como uma prática discursiva que pode auxiliar na compreensão, análise e investigação das dificuldades lingüístico-cognitivas do sujeito relacionadas à mudança de papéis discursivos, escrita e

gestualidade. Na primeira interação via ICQ observamos um sujeito que não consegue dar progressão à conversação. AL segura o curso do diálogo, impede sua evolução, fixa seu papel discursivo, deixa *o rumo da situação dialógica nas mãos de Ijo*. O engajamento do sujeito em *práticas significativas com a linguagem* mostra (veja-se a última sessão de ICQ) um *trabalho* do sujeito *com e sobre* a língua: AL fala "*do que acontece, pode ou não acontecer, do que tem importância, ou não, do que se ouve*" [Coudry, 2000]. Fala, enfim, a respeito do que todo sujeito pragmático pode falar!

Referências

- Bakhtin, M. (1952-53/97) "Os gêneros do discurso", In: Estética da Criação Verbal, Bakhtin, M., São Paulo, Martins Fontes, p. 277-326.
- Bakhtin, M., Marxismo e Filosofia da Linguagem, Hucitec, 1929/99.
- Coudry, M. I. H. (2000) "Avaliação como prática discursiva", Texto apresentado na III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, Campinas.
- Coudry, M. I. H. (1996) "O que é dado em neurolinguística?", In: O Método e o dado no estudo da linguagem, Castro, M. F. P. (org.), Campinas, Editora da Unicamp, p. 179-192.
- Coudry, M. I. H., Diário de Narciso - discurso e afasia, Martins Fontes, 1986/88.
- Coudry M. I. H. e Mayrink-Sabinson, M. L. (2001) "Problema e dificuldade", Texto apresentado no 13º COLE, Campinas.
- Freire, F. M. P. (2003) "Formas de Materialidade Lingüística, Gêneros de Discurso e Interfaces", In: A leitura nos oceanos da Internet, Silva E. T. (coord.), Freire F. M. P., Almeida R. Q., Amaral S., Editora Cortez, São Paulo (a sair).
- Freire, F. M. P. (2002a) "A linguagem via email: interação entre surdos e ouvintes", Trabalho aceito no II Simpósio Internacional sobre o Bilingüismo, Espanha.
- Freire, F. M. P. (2002b) "O gesto na escrita", Resumos do 50º Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, São Paulo.
- Freire, F. M. P. (1999) "Enunciação e discurso: a linguagem de programação Logo no discurso do afásico", Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- Freire, F. M. P. e Coudry, M. I. H. (2001) "Gestualidade e demência: o uso discursivo da linguagem Logo", In: Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, Marília.
- Gandolfo, M., Às Margens do Sentido, Editora Plexus, 1996.
- Geraldi, J. W, Portos de Passagem, Martins Fontes, 1991/93.
- Luria, A. R., Fundamentos de Neuropsicologia, Cultrix, São Paulo, 1981.
- Maingueneau, D., Termos-chave da Análise do Discurso, Editora UFMG, 1996/98.
- Maingueneau, D., Novas Tendências em Análise do Discurso, Pontes, 1987/89.
- Oeiras, J. Y. Y. e Rocha, H. V. (2002) "Aprendizagem Online: ferramentas de comunicação para colaboração", Trabalho aceito no IHC, Fortaleza, CE.

Rocha, H. V. e Oeiras, J. Y. Y. e Freire, F. M. P. e Romani, L. (2001) “Design de ambientes para EAD: (re)significações do usuário”, In: Anais do 4º Workshop sobre fatores humanos em sistemas computacionais, Florianópolis.